

A RELAÇÃO ENTRE ARQUEOLOGIA E OS POVOS INDÍGENAS SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

PAULO DAVID PORTO FABRES TEIXEIRA¹;
PEDRO LUIS MACHADO SANCHES²;

¹ *Universidade Federal de Pelotas – davidpft@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – plmsanches@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Recentemente a relação entre a arqueologia e os povos indígenas sofreu grandes transformações. Após a década de 1980 muitos arqueólogos passaram a considerar o trabalho arqueológico anterior como colonial e imperial (FUNARI 2005). A partir desse momento houve uma busca pela redefinição das abordagens, dos pressupostos e da função social da arqueologia. Nesse processo o estudo do pensamento por trás do trabalho arqueológico é imprescindível (CHIAVETTO 2002).

O foco deste trabalho é estudar os desdobramentos do pensamento arqueológico na relação da arqueologia com os povos indígenas.

A arqueologia científica surgiu na Dinamarca no início do século XIX fortemente influenciada pelo nacionalismo e por uma visão evolucionista sobre o passado humano inspirada pela ilustração. (DANIEL 1967; TRIGGER 1990) O paradigma desse período considerava o passado humano a partir da cronologia bíblica, e os povos ameríndios vivos eram considerados seres com culturas degeneradas (TRIGGER 1990; PROUS 1991; FUNARI 1994; SCHWARCZ 2005).

Após a metade do século XIX a cronologia bíblica passou a ser contestada pelos indícios de uma grande antiguidade humana, e com a ampla aceitação do conceito de seleção natural o homem foi considerado o resultado da evolução dos animais, e não mais como uma criação divina (DANIEL 1967; AUDOUZE e LEROI-GOURHAN 1981; TRIGGER 1990; BAHN 2005).

Esse pensamento colocava o homem no grau mais alto de evolução entre os animais, e os europeus como os povos mais evoluídos entre os seres humanos.

No início do século XX surgiu a tendência em arqueologia conhecida como histórico-culturalismo, e as diferenças entre os grupos humanos foram vistas como resultados das diferentes culturas, e não mais como os diferentes graus evolutivos. (BINFORD e SABLOFF 1981; TRIGGER 1989; LIMA 2006; FUNARI 2005). Acreditou-se então em um evolucionismo multilinear, as superioridades de alguns grupo humanos por outros foi explicada por características culturais.

Após a metade do século XX a corrente teórico-metodológica, conhecida como Nova Arqueologia passou a considerar as questões ambientais como mais importantes para a determinação do comportamento humano. (TRIGGER 1990). Influenciada pelo neo-evolucionismo e pelo positivismo lógico a arqueologia vinculada a essa tendência considerava de grande importância o desenvolvimento de pesquisas etnoarqueológicas, contudo os pressupostos de

pesquisa reduziam os grupos estudados à “laboratórios” (HODDER 1994), e desta forma suas visões de mundo e seus interesses eram ignorados.

Na década de 1980 a tendência conhecida como Pós-processualismo se estabeleceu a partir da crítica a Nova Arqueologia, muitos arqueólogos defenderam a ação social dos indivíduos e reconheceram o discurso político por trás do trabalho arqueológico. Assim a visão de mundo e os interesses dos povos estudados tornaram-se importantes para o desenvolvimento do trabalho arqueológico (TRIGGER 1990; HODDER 1994; FUNARI 2005).

A partir desse período foram desenvolvidas pesquisas sobre o aspecto simbólico da cultura material na tentativa de compreender o pensamento dos grupos estudados. A inserção social também passou a ser um objetivo explicitado pelos arqueólogos, que se dedicaram ao reconhecimento de aspectos omitidos pelas práticas arqueológicas do passado que podem ser úteis aos grupos historicamente excluídos dos processos de interpretações sobre o passado de origem acadêmica.

2. METODOLOGIA

A revisão bibliográfica foi o método utilizado para o estudo das teorias e metodologias por trás das práticas arqueológicas desde os períodos iniciais da arqueologia científica até os trabalhos desenvolvidos recentemente. A seleção da bibliografia pesquisada foi pautada pela relevância nos debates teóricos e metodológicos ocorridos no meio acadêmico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão do pensamento arqueológico em uma perspectiva histórica indica uma grande virada na relação entre grupos indígenas e a arqueologia. A etnoarqueologia, o principal canal de conexão entre os arqueólogos e os indígenas, acompanhou as transformações ideológicas relativas à prática arqueológica.

Inicialmente sob uma perspectiva evolucionista unilinear era possível o uso de analogias diretas entre grupos do passado e atuais, posteriormente a crença no determinismo ecológico indicou a necessidade de uma metodologia adequada para uso dos referenciais etnográficos, por essa concepção a utilidade da etnoarqueologia seria possibilitar a compreensão dos padrões do comportamento humano. Os arqueólogos vinculados a arqueologia processual se dedicaram principalmente a questões econômicas.

Com o surgimento do pós-processualismo pesquisas etnoarqueológicas foram direcionadas para questões relacionadas com o cognitivo dos grupos estudados. Concepções atuais relacionadas com a necessidade de inserção social e o respeito à diversidade, indicam a importância de trabalhos etnoarqueológicos que possibilitem a participação direta dos grupos estudados no trabalho arqueológico.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa indicou que a pouca participação de indígenas em pesquisas arqueológicas no Rio Grande do Sul pode ser reflexo de concepções ligadas a tendências arqueológicas tradicionais. A inserção de indígenas em pesquisas além de possibilitar a direta defesa de seus interesses poderá contribuir para uma transformação teórica e metodológica da disciplina e uma compreensão de outros aspectos do modo de vida de grupos do passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDOUZE, Françoise; LEROI-GOURHAN, Andre. **France: A continental Insularity. World Archaeology**. V.13, n.2. Regional Traditions of Archaeological Research I. 1981.

BINFORD, Lewis; SABLOFF, Jeremy. **Paradigms, Systematics, and Archaeology**. Journal of Anthropological Research. Vol. 38 Nr. 2. 1982.

CHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A Questão Étnica no Discurso Arqueológico**. In: FUNARI, Paulo A.; ORSER Jr., Charles E. Orgs. *Identidade Discursos e Poder: Estudos da Arqueologia Contemporânea*. São Paulo. Annablume; Fapesp. 2005.

DANIEL, Glyn. **Historia de la Arqueología**. Alianza Editorial. Madrid. 1967.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia Brasileira, Visão Geral e Reavaliação**. In Revista de História da Arte e Arqueologia. Campinas: UNICAMP/IFCH, (1), 1994.

FUNARI, Pedro Paulo. **Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. Revista de Humanidades, MNEME. Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología: corrientes actuales**. Barcelona: CríticaEspanha. 1994.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Universidade de Brasília. 1991.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **A Era dos Museus de Etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX**. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004 (1990).